

Ano 3 · nº 1

20

Acesse em:
geplat.com/versos

22

 **versos,
Anversos
Antiversos**
ISSN: 2675-4975

COLABORAÇÃO:



Polifonia
Poética

EXPEDIENTE

Versos, Anversos & Antiversos

GEPLAT Edições

Colaboração: GECOM – Grupo de Pesquisa do Pensamento Complexo

Ano 3 – Número 01 – 2022

Dossiê Polifonia Poética

ISSN: 2675-4975

Endereço eletrônico: www.geplat.com/versos

Capa e projeto gráfico: Wilton Silva - @guiawilton.silva

EQUIPE EDITORIAL

Jean Henrique Costa - Professor da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Dr. em Ciências Sociais (UFRN);

Raoni Borges Barbosa - Professor visitante na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Dr. em Antropologia (UFPE);

Jeanemeire Eufrásio da Silva - Mestra pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais e Humanas (PPGCISH/UERN);

Lázaro Fabrício de França Souza - Professor da Universidade Federal Rural do Semiárido - UFERSA. Doutorando em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN;

Francisco Wilton da Silva Júnior - Mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais e Humanas (PPGCISH/UERN);

Stamberg José da Silva Júnior - Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina;

Paulo Sérgio Raposo da Silva - Mestrando em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN;

Dr. Thadeu de Sousa Brandão - Universidade Federal Rural do Semiárido (*in memoriam*).

SUMÁRIO

Ailton Siqueira de Sousa Fonseca

Prefácio **04**

Ailton Siqueira de Sousa Fonseca

Dossiê Devaneios Poéticos **07**

Ailton Siqueira de Sousa Fonseca

*Bate papo poético com
Antônio Francisco* **18**

Allan Phablo de Queiroz & Ailton Siqueira de Sousa Fonseca

*A casa onde a poesia mora:
ensaio fotográfico* **21**

*José Di Rosa Maria, Débora Ariane, Aryanne Queiroz, Clauder Arcanjo,
Gustavo Castro Silva, Gustavo Luz, Monique D'Ángelo, Pedro Henrique,
Donzílio Luiz, Karlla Souza, Gabriel Machado & Cícilia Maia*

Nas palavras dos Poetas **27**

PREFÁCIO

E A PALAVRA SE FEZ POESIA

Ailton Siqueira de Sousa Fonseca¹

Brincadeiras são coisas muito sérias. Quase sempre são meios de se dizer a verdade, fazer proposições, perceber reações, lançar ideias. Foi numa brincadeira que surgiu a ideia de uma edição especial da revista *Versos, Anversos & Antiversos*, edição que trouxesse somente poesias. Um grande desafio e uma pertinente produção, sobretudo, se juntássemos poetas socialmente referenciados e poetas iniciantes de vários cantos e recantos (Brasília, Pernambuco, Ceará e Rio Grande do Norte). O *Grupo de Pesquisa do Pensamento Complexo* (GECOM/UERN) acolheu esse desafio.

Formado desde 2008, esse grupo vem investindo esforços práticos e cognitivos em pesquisas guiadas pelo espírito de religar a ciência, arte, poesia e culturas numa tentativa de construir um conhecimento pertinente, mais amplo e complexo, sobre a condição humana, a cultura e práticas societárias diversas. Investe ainda em pesquisas sobre o itinerário intelectual de personalidades cujo trabalho e reflexão possam contribuir para um maior conhecimento sobre a cultura, a vida, o imaginário e o próprio conhecimento. Uma aposta coletiva numa *ciência com consciência* que é, ao mesmo tempo, uma ciência poética.

Vinda do latim *poeses* e do grego *poíeses*, a palavra poesia significa criar, fazer, inventar. Poesia é um modo que não obedece a um modelo. É expressão criativa do ser-no-mundo, ser que reinventa as invenções, que recria, que inventa o que nunca existiu por meio das palavras.

Se no início era o verbo, este só poderia ser o verbo *poetizar*. No início era a poesia. Deus era um poeta. Com a força da palavra, criou o mundo e construiu tudo

¹ Doutor pela PUC/SP, professor do Departamento de Ciências Sociais e Políticas da UERN e do Mestrado em Ciências Humanas e Sociais (UERN), coordenador do Grupo de Pesquisa do Pensamento Complexo, pesquisador e catador de pensamentos poéticos.

que nele há. Mas, ao contrário, de todas as coisas criadas pelo verbo, o homem foi criado pelo cuidado, foi moldado pelas mãos de Deus. A palavra foi, posteriormente, dada ao homem para que este se aproximasse do poder de Deus, para que ele pudesse ter o mesmo poder do Criador. Assim, evocando as palavras que nele mesmo falam, o homem pode reinventar as coisas já inventadas, tornar o impossível possível, o real em imaginário e vice-versa.

O homem é um ser de linguagem, linguajante. Faz-se naquilo que ele mesmo faz. Constrói a palavra e ela o constrói. “Só podemos compreender a nós mesmos graças à rapidez da nossa passagem pelas palavras”, dizia Gaston Bachelard em sua obra *A poética do devaneio* (2009, p. 47). Nas poesias aqui reunidas nesta edição, percebemos isto: é a poética da vida que se expressa na poética da escrita. A vida prosaica se transfigurando em vida poética. O ser da poesia e o ser da vida amalgamados: não mais um e outro, mas sim: um no outro.

A poesia se torna a palavra que surge diante do absurdo do mundo e de si mesmo, uma luz no caos que nos devora, uma forma possível de reorganização subjetiva e social. Nesses “poemas manifestam-se forças que não passam pelos circuitos de um saber” (Bachelard, 2008, p. 06) científico, meramente racional e formal. Aqui não há verdades ou mentiras, falso ou verdadeiro, certo ou errado: há sentidos, representações, possibilidades. Aliás, as poesias não têm formas nem fórmulas e, por isso mesmo, requerem, de cada leitor, um pensamento sensível que se deixe possuir pelas palavras e se deixe levar para onde as palavras apontam.

Há palavras que vão além do que elas dizem. É para lá que nos leva a poesia: para um além-fronteiras. Talvez, assim, cada um de nós, leitores, possa encontrar um poema ou uma palavra que, nos levando para longe, nos traga de volta para casa, que nos faça não somente respirar profundo, mas que nos faça suspirar. Se respirar é uma condição do ser vivo, suspirar é uma demonstração de intensidade afetiva. Desejamos que cada leitor encontre, nessa edição, palavras poéticas que aumentem sua respiração e que o faça suspirar de tantas e múltiplas emoções.

A linguagem da poesia é, por excelência, repleta de polifonia. Essa edição especial oferece aos leitores um coral de vozes poéticas, uma polifonia poética.

A vocês, leitores dessa edição especial da revista *Versos, Anversos & Antiversos*, oferecemos essas poesias como quem oferece ramalhete de flores em forma de palavras: cada poesia e todas elas, entregues, ao leitor, como flores vocais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. Tradução: Antônio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

_____. *A poética do devaneio*. Tradução: Antônio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 2009.



DOSSIÊ
DEVANEIOS POÉTICOS
Poesias

Ailton Siqueira: É doutor pela PUC/SP, professor do Departamento de Ciências Sociais e Políticas da UERN e do Mestrado em Ciências Humanas e Sociais (UERN), coordenador do Grupo de Pesquisa do Pensamento Complexo, pesquisador e catador de pensamentos poéticos.

Caminho

Eu tive que voltar enfrentando os espinhos na estrada.
Descobri que também havia flores no caminho.
Voltei com os pés feridos,
Mas com as mãos cheias de flores.

Chama

Dizem que somos feitos do barro.
Outros afirmam:
Somos apenas matéria.
Alguns asseguram:
Somos poeira de estrelas.
E há quem diga:
Somos nada.

Mas eu gosto dos poetas que dizem:
Somos escrituras.
Porque nesse instante,
Gostaria que você lesse em mim
As palavras que me incendeiam.

Dadas mãos

Sim ou não.
Ser ou não ser.
Não é mais a questão.

Sim e não
São união.
Ser e não ser
Dão as mãos.

União da desunião.
Síntese das antíteses.
Somos junção.

Traidor de si

Meus olhos se encheram do que não viram em você.
Te criei.
Perfeição do meu desejo imperfeito.

Crente de minha fidelidade a você
Falei toda a verdade. E menti.
Quando tive que mentir,
Falei a verdade.

Do que aconteceu, não sei.
Do que sei, estranho.
Falando a verdade, minto.
Mentindo, falo verdades.
Sabendo, não sei.
Sem saber, sei.

Te criei.
Você me atraiu. E eu me trai.
Sou traidor de mim mesmo.

Presentes de família

Do avô
Uma pedra de amolar faca.
E vários sorrisos.

Do pai:
Um carro de lata.
E a fé na vida.

Da mãe:
Um pente usado.
E o gosto por gente.

Da tia:
Um lápis quebrado.
E o desejo de poesia.

Meu bolso está vazio.
Mas eu recebi uma fortuna.

Fantasia

Apague a luz, mas
Deixe seus olhos
Bem abertos para
Me acender.

Nessa noite
Quero me despir,
Vestindo suas
Fantasias.

Meia

Meia luz.
Meia noite.
Meia garrafa.
Meia laranja.
Meia compreensão.
Meia verdade.

Prefiro a meia que
Veste todo meu pé.

Para tocar as estrelas

Se o rio se separar da sua fonte, ele seca.
Se os galhos de uma árvore perderem a
Ligação com suas raízes, ela definha.
Se a pipa não estiver com a linha presa a
Alguém, ela não sobe.
O pássaro que faz o ninho no topo da árvore
Usa gravetos que estão o chão.

Com o tempo aprendi:
Quem não se alimenta de suas nascenças
Não se fortalece, não floresce.
É preciso ter areia nos pés para poder voar alto.
Ninguém toca as estrelas sem estar enraizado na terra.

Dia de poesia

Dia:

Se eu mudar um pouquinho
Farei dele poesia.

Ser:

Se doer um tantinho
Poderei florescer.

Mar:

Se eu acrescentar mistérios
Conseguirei amar.

Luar:

Se eu deixar tudo mais claro
Irei sonhar.

Lar:

Se eu construir em um dia
Terá piso de mar e teto de luar.

A-mar

De tanto amar
Ela resolveu
Ir ao mar.
Mas não tinha
Como comparar
As profundezas do amar com aquele mar
Diante do seu olhar.

Pensou:

Quem inventou as medidas da comparação
Não conhecia as desmedidas de um coração.

A sede de amar nem o mar pode saciar.

Grave

O jardim está sem flores.
Mais grave:
A falta de jardineiro.

O rio está seco.
Mais grave:
Ninguém querer se banhar.

As bibliotecas estão fechadas.
Mais grave:
Ninguém gostar de ler.

O mundo está um horror.
Mais grave:
Corações sem amor.



DOSSIÊ
DEVANEIOS POÉTICOS
Mini contos

Ailton Siqueira: É doutor pela PUC/SP, professor do Departamento de Ciências Sociais e Políticas da UERN e do Mestrado em Ciências Humanas e Sociais (UERN), coordenador do Grupo de Pesquisa do Pensamento Complexo, pesquisador e catador de pensamentos poéticos.

O velhinho

No sítio onde eu morava, tinha um velhinho misterioso.
Ele não gostava muito de falar.
Ficava muito tempo sozinho na natureza.
A curiosidade de menino inquiridor me levou a lhe perguntar:
___ Por que o senhor gosta de ficar sozinho?
Depois de um tempo, ele respondeu:
___ Em silêncio eu fico maior do que o mundo. O silêncio é o sono das palavras.
Eu não estou mudo. Estou em outro mundo.
E esse foi o maior discurso na vida daquele velhinho.
O tempo passou. Ele se mudou.
Hoje, ele está em outro mundo, mudo.
Partiu para onde sempre estive.
Talvez, de lá, ele escute todas as palavras de nossos silêncios interiores.

As três portas

___ Professora, porque a senhora sempre dá aulas com a porta aberta?

___ Há três portas que sempre devemos deixa-las abertas, querido:

A porta da sala de aula, para que nossos estudos se comuniquem com o que acontece lá fora.

A porta da nossa mente, para poder entrar novas ideias e,

A porta do coração, para que a gente não fique presa às mesmas emoções.

___ Isso está em que página do livro, professora?

___ Está na página de um outro livro que ainda não aprendemos a ler.

Sem nome

Faça uma poesia de amor para mim, meu amor.
E ele escreveu:

Cada um de nós traz em si
Um céu e um inferno.
O bem e o mal.
Cada um de nós é
Verbo e é carne.
Carrega o pecado e a virtude.
Cada um de nós é um raio de luz
Que brilha na escuridão.
Cada um de nós é o outro:
Eu sou você, você é eu.
Somos um nós.

___ Não gostei. Não vi amor nessa poesia.
___ Então me ajude a falar dessa coisa que, em mim, não
Tem boca, me devora, e vive chamando teu nome!

Desejo

Ele não tinha ainda o entendimento que nomeava as coisas.

Estava lendo um livro no qual estava escrito:

“somos feitos de desejos. O desejo nos faz humanos”.

Ele não entendeu do que ele era feito.

E perguntou ao pai:

__ Pai, o que é desejo?

O pai estava diante de uma pergunta grande demais.

Não sabia o que responder.

E ele voltou a perguntar:

O que é desejo?

E o pai respondeu num repente, sem pensar:

__ Desejo é o que ficou daquilo que nunca tivemos.

É o que temos do que não temos.

__ Pois eu não quero ter esse desejo não, disse o menino.

E o pai riu com seu desejo de não desejar.



Bate-papo poético com Antônio Francisco

Ailton Siqueira

Antônio Francisco é um dos maiores poetas da nossa região. Nascido em 21 de outubro de 1949, num bairro chamado Lagoa do Mato, cidade de Mossoró-RN, ele é poeta popular, xilógrafo, compositor e até hoje ainda trabalha confeccionando placas. Antônio Francisco não nasceu poeta. Quando a poesia soprou em seu coração e se fez verbo em sua boca, ele já tinha mais de quarenta anos. A poesia o fez um poeta que escreve com toda aquela força e vida que tem a palavra quando quer nascer. No dia 15 de maio de 2006 tomou posse na Academia Brasileira de Literatura de Cordel – ABLIC, na cadeira de número 15, patronímica do poeta cearense Patativa do Assaré. Foi com uma das obras de Patativa em suas mãos que ele nos recebeu, eu e o fotógrafo Allan Phablo, que registrou algumas imagens poéticas de sua casa e de nossa conversa. Esse encontro aconteceu no dia 20 de janeiro de 2022. Era um final de tarde que não me deixou com vontade de olhar o pôr-do-sol, porque o brilho mais intenso estava nos sorrisos de Nira, sua esposa, e nos repentes, que de repente, o poeta criava uma anedota, um repente ou uma historinha. Entre um café e, posteriormente, uma dose de whisky, eu propus uma brincadeira: fazer algumas perguntas ao poeta e ele responder, num repente, em versos. Ele aceitou o desafio e tudo ocorreu assim:

Ailton Siqueira: Antônio Francisco, você sempre lê o que você mesmo escreve?

Antônio Francisco: Recentemente descobri que quando a gente escreve é um, quando a gente lê é outro. Aprendi isso lendo eu mesmo, um cordel que eu tinha escrito há tempos atrás.

A.S.:

Qual é a coisa mais importante na humanidade?

A.F.:

O que vale na humanidade
É seu coração e sua humildade.

A.S.: Como você vê o professor, hoje?

A.F.: Todo professor para mim é muito grande. Ele tem que fazer o aluno se apaixonar pela vida.

A.S.: Você sempre gostou de ler?

A.F.:

Eu era soldador, mas que lia.
Eu era sapateiro, mas que lia.
Eu era pintor, mas que lia.
Quando a gente lê,
A gente é mais.
Até uma mãe, quando lê,
É mais mãe.

A.S.: E como está o ser humano, hoje?

A.F.:

Aquele homem de outrora
Que vivia disfarçado
Jogou o disfarce fora
E agora está desmascarado.

A.S.: E nessa quarentena, deu para se aprender alguma coisa?

A.F.:

A quarentena deixou
O mundo de pés descalços
Mas em troca, ela acabou
Com muitos abraços falsos.

A.S.: Você leu alguma obra durante essa quarentena?

A.F.:

Nessa quarentena eu li tanto
Que passei da cota
É tanto que descobri
Que fiquei mais idiota.

A.S.: E como foi seu dia-a-dia nessa pandemia?

A.F.:

Nessa quarentena minha
Às vezes, até eu me zango
Pois tirei ela todinha
Comendo peito de frango.

A.S.: A pandemia nos afetou igualmente enquanto seres humanos?

A.F.:

Nessa pandemia cega
O pobre é quem se consome
Se ficar em casa a fome pega
Se for pra rua, o vírus come.

A.S.: O quintal de sua casa está mais verde. Até parece um roçado, com muitas plantas, limpo, frutas e até uma enxada.

A.F.:

Disse a enxada de aço à caneta
Você tem nome
Mas se não fosse meu braço
Você morreria de fome.

A.S.: Então, você tem sonhado e brincado ainda mais com as palavras?

A.F.:

Fiz uma máscara da fronha
De todos os pecados meus.
Agora estou com vergonha
De mostrar meu rosto a Deus.

Em meio a nossa conversa, chegou outro poeta: José Di Rosa Maria, outro conhecido poeta mossoroense que fez aumentar a polifonia de nosso diálogo. Parece que na casa do poeta as portas são feitas de palavras que convidam outras palavras para entrarem nela e prostrar. Depois dessa brincadeira com o poeta, percebi que quando a gente brinca com as palavras a gente diz muitas coisas sérias. Para brincar com palavras, como o poeta, é preciso dominá-las e deixá-las, livremente, tomar conta de nossa boca. A sensação que tive foi que há muitas palavras querendo falar em nossas bocas, palavras que, talvez, só esperem um instante-já para se eternizarem.

A CASA ONDE A POESIA MORA:

Ensaio fotográfico

Allan Phablo de Queiroz
Ailton Siqueira de Sousa

O poeta e o fotógrafo. Dois artífices do instante. Por meio das palavras e por meio das imagens, os dois se deixam possuir pela “imaginação criativa” e fazem, assim, da solidão do instante-já, sua eterna fonte de (re)criação.

Composto de dez fotos, esse ensaio mostra, em imagens, palavras que vão além das fronteiras verbais. Aqui, não é o poeta Antônio Francisco que fala, que recita ou improvisa poesias para quem vem visitá-lo. Aqui, na sua casa, a poesia fala nas paredes, os versos estão na cozinha, a memória é o piso da casa, os devaneios são telhados e, entre um poema mudo e outro que nos fala, sentimo-nos convidados a sentar na mesa do poeta e tomar um café com ele, enquanto olhamos para seu quintal aberto à rua. Na casa desse poeta, cada coisa, cada imagem, parece ser um ramalhete verbal a falar, cantar e se oferecer como poesia aos olhos de quem sabe sentir o que vê.

Assim como as pinturas ou “os quadros são narrativas” (Bachelard), as fotografias, as pinturas, as frases gravadas nas paredes, os livros e cordéis em todos os cantos da casa de Antônio Francisco, guardam memórias, contam histórias, recitam versos, cantam fatos, ditam trajetórias e ecoam polissemias.

Na casa onde mora a poesia, cada visitante, cada leitor, cada um que entra nela - seja presencialmente ou por meio das imagens aqui expostas - poderá fazer a sua própria viagem de descobertas, de percepções poéticas, de sensações e devaneios. As fotos desse ensaio não serão apresentadas com títulos ou legendas, para que cada uma delas possa dialogar com o íntimo de cada leitor. As imagens falam, mas precisam de uma escuta sensível para entendê-las.

Convidamos, assim, o leitor a entrar na casa do poeta Antônio Francisco, a entrar no seu lar onde a poesia se faz imagens e as imagens de fazem poesias.



Fonte: Allan Phablo de Queiroz (Arquivo/Fotoetnografia, 2022)



Fonte: Allan Phablo de Queiroz (Arquivo/Fotoetnografia, 2022)



Fonte: Allan Phablo de Queiroz (Arquivo/Fotoetnografia, 2022)



Fonte: Allan Phablo de Queiroz (Arquivo/Fotoetnografia, 2022)



Fonte: Allan Phablo de Queiroz (Arquivo/Fotoetnografia, 2022)



Fonte: Allan Phablo de Queiroz (Arquivo/Fotoetnografia, 2022)



Fonte: Allan Phablo de Queiroz (Arquivo/Fotoetnografia, 2022)



Fonte: Allan Phablo de Queiroz (Arquivo/Fotoetnografia, 2022)



Fonte: Allan Phablo de Queiroz (Arquivo/Fotoetnografia, 2022)



Fonte: Allan Phablo de Queiroz (Arquivo/Fotoetnografia, 2022)



NAS PALAVRAS DOS POETAS

José Di Rosa Maria - Débora Ariane - Aryanne Queiroz - Clauder Arcanjo - Gustavo Castro Silva - Gustavo Luz - Monique D'Ángelo - Pedro Henrique - Donzílio Luiz - Karlla Souza - Gabriel Machado - Círcia Maia

José Di Rosa Maria: Conhecido no meio artístico, popular e poético como Ribamar, José Di Rosa Maria tem esse nome em homenagem que ele mesmo quis fazer à sua mãe Rosa Maria da Costa. Antes seu nome era José Ribamar de Carvalho Alves, assinando sua produção poética como José Ribamar. Poeta repentista, cordelista, cantador profissional, declamador, músico e escritor de bancada, ele nasceu em 16 de março de 1962, na fazenda Solidão, em Caraúbas/RN. Tem várias obras de poesias, cordéis e outras produções publicadas.

Resumo

Somos nós o inverso do perfeito,
E a bússola das mágoas que expomos,
Inimigos fanáticos do só isso,
Falsos clones dos anjos que já fomos,
Passageiros do trem da vaidade,
Inquilinos do rancho da maldade,
Sem ideias concretas do que somos.

Nutridores do vírus da ganância,
Ofegando na faina pelo mais,
Submissos ao hábito de trair,
Vivos pávidos na fila dos mortais,
Hesitando que Deus salva e castiga,
Integrantes da liga que mais liga
Almas frágeis aos bens materiais.

Também somos a revigoração
Do pecado que deixa Deus irado.
Pelo visgo genético da fraqueza,
Nos mantemos ligados ao pecado,
Preservamos o ódio como lança;
E se Deus nos fez sua semelhança,
Há quem diga que algo deu errado.

Pedaços de confissões

O peso das minhas culpas
Me conduz para os remorsos
Trazendo à tona a imagem
Dos meus inválidos esforços
Me envergonho do nada
Que sou perante a carrada
De fenômenos destrutivos
Que batem causando agruras
Abalando as estruturas

Dos meus sentimentos vivos.

As espiadas safadas
Que dei fingindo não dar
Nos anjos de carne e osso
De malícia no olhar
O descaso com o bem
O inferno que alguém
Por culpa minha viveu
E outras falhas que encaixam
São monstros que esfaqueiam
A paz do meu falso eu.

Esses cansados gemidos
Ouidos nos hospitais
São arrancados de mim
Por enfermos terminais
Eu só não sei dizer como
Mas afirmo porque somos
Mil centenas de lamentos
Que tocam mágoas cansadas
Nas cordas desafinadas
Dos meus arrependimentos.

Esses pedaços de nuvens
Sem rumo na amplidão
São fiapos de tormentos
Filhos da minha aflição
Aflição de tantas penas
E essas pedras pequenas
Que o mundo vê sem querer
Rugadas pela idade
São cacos de inverdade
Do castelo do meu ser.

Não há quem compute as vezes
Que tanto lacrimejei
Olhando o topo do monte
De esmolas que neguei
Os adultérios profundos
Que meus olhos vagabundos
Deixaram transparecer
Antes de me darem chance
De sonhar com um romance
Proibido de nascer.

Essas rugas que me marcam
São marcas reais dos danos
Dos compromissos quebrados

No decorrer dos meus anos
Penso com razões de sobra
Que eu sou a única obra
Que Deus criou com defeito
Também penso com firmeza
Que Deus fez, mas tem certeza
Que não devia ter feito.

Poema mudo

Nas páginas do livro do meu invisível
Encontrei sabença num poema mudo,
Que com letras mágicas nos versos anônimos
Sem me contar nada me dizia tudo.

Li no horizonte do silêncio dele
Um recado triste com letras risonhas...
Chorarás nos braços das decepções
Após o alcance do que tanto sonhas.

Nos futuros passos dos últimos passeios
Verás a imagem dos primeiros passos,
E dores virão a ti como frutos
Da realidade dos sonhos devassos.

Beberás das lágrimas dos teus olhos cúmplices
Sentirás saudade das doces saudades,
Perderás nas curvas das penúltimas horas
As últimas noções das próprias vontades.

Lados da vida

Do armador do presente
Pro armador do passado,
Armei a rede da vida
E me deitei sossegado
Pra ver o tempo passar
E ao mesmo tempo dar
Uma espiada de cheio
Com toda atenção caída
Na linha que marca a vida
Do ser humano no meio.

Do lado leste dos anos,
Gravurados pela paz,
A cem metros vi um monte
De sonhos azul-lilás
E um rio de alegria

Despejando poesia
No mar das inspirações
Que vomitava inocência
Tocado pela essência
Das flores das ilusões.

Vi no pináculo do riso
A transparência do belo
Auxiliar o amor
Na construção dum castelo
Murado de regozijo
Pra servir de esconderijo
Pra vida ainda criança
Que dava seus passos ternos
Nos primogênitos invernos
Do jardim da esperança.

Do lado oeste da vida,
Vi veredas de cansaços
Feitas pelos pés dos nós
Carregados de embaraços;
Presenciei a tristeza
Se banhar na correnteza
Do riacho da saudade,
Que arrastava os arquivos,
Guardiões dos negativos
Das fotos da mocidade.

Assisti cenas grotescas
Do filme da impotência
Gravadas pelo destino
Nas páginas da existência;
O rádio dos desencantos
Tocava a canção dos prantos
Chorados pela velhice
Que, cheia de desenganos,
Pagava o bonde dos anos
Pro reino da caduquice.

Depois desarme a rede
Da vida pra terminar
De viver os últimos dias
De vida sem reclamar
Das derrotas e tristezas,
Desânimos e incertezas
Pelo destino cativo...
Mesmo de olhos cansados,
Foi bom olhar os dois lados
Da vida que ainda vivo.

Débora Ariane: Nascida em Areia Branca-RN, escritora, graduanda em História pela UERN, ensaísta, pintora e membro do Grupo de Pesquisa do Pensamento Complexo (GECOM/UERN).

A planta perfeita

Dei-me a tenacidade da grama,
Para ser pisada e continuar verde.
Os pés sofridos em saltos tragados,
Até ser remodelado
Em um molde fino e estreito,
Agulhar demais para suportar o que lhe é feito.
Carregar sobre si o peso do mundo,
De uma mulher sem defeitos.

Grama de finas raízes, emaranhadas se valem,
Oscilando ao vento,
Agarrando-se firme na terra.
Dei-me a tenacidade da grama
Que muito vale e de pouco se nutre,
Aos pés da sociedade,
Esmagada sem piedade,
Mas ainda um tapete verde
Onde meus pés encontram liberdade.

Lua

Como deve se sentir pequena,
Tão pálida e solitária,
O preço de seu brilho sereno.
Afasta todas as estrelas.

Solitária e cruel
Seja foice ou pão de mel.
É sempre inverno sob a prata no céu.

Alguém já disse o quão falso
É seu brilho?

Estéril e ferida a pele
Da Prata elevada.
Que ofusca as estrelas
Na noite cobalto.
Até as nuvens passam

Sem nunca ter-lhe tocado.

Como deve se sentir pequena,
Tão pálida e solitária,
Reinando sobre nenhum
Grão de vida.
Mas essa é a beleza exaltada,
Mesmo que a alegria esteja
De partida.

Areias Brancas

Cresci numa cidade de areia
Uma que ninguém pode encontrar.
Onde a ampulheta o conteúdo regride
E o sol encontra o mar.

Fazendo brotar no mundo,
O ouro branco,
Flores de sal.

Uma terra do passado,
Habitada por futuros esquecidos.
Onde o vento
Até a areia lembra mar.

Poeira descrente,
Erguendo castelos
Para tão pouca gente.

Passos

Pessoas não andam,
Correm.
Passos apressados
Que estão sempre atrasados
E não chegam a nenhum lugar.

Pegadas na areia
Que ninguém vai notar.
Um vai e vem
De andanças a se acumular.
O que leva
E o que deixa ficar?

Pegadas na areia
Para o tempo apagar.
Deixe as corridas para o vento,

Aprecia o momento,
De cabelos a se agitar
E o ar a entrar.
Deixando pegadas na areia,
Ao menos o perfume das flores
E a maresia no vento
Vai levar.

Aryanne Queiroz: Bacharela em Direito/UERN; Mestra em Ciências Sociais e Humanas/UERN; Doutoranda em Ciências Sociais/UFRN; Graduanda em História/UERN; Graduanda em Psicologia/Uninassau Mossoró; Especializanda em Psicologia Sexual; Especializanda em Sexualidade Humana; Especializanda em Psicologia da Saúde; Especializanda em Sexualidade, Gênero e Escola; Técnica Administrativa/UERN.

Amar-se

Rego o amor próprio,
Esse destino habitável que se perdeu;
Deixo ir embora a vontade alheia
Que comandava o meu Eu;

Sigo sempre buscando,
tentando ser alegre, pulsando,
Manter as rédeas dos passos meus;

Lambo as feridas internas,
Na expectativa de que cicatrizem
e que se recuperem do que doeu;

Sou um ser inconstante, fagulha divina, mutante, tentando encontrar o que é meu;

Sigo o som da utopia, aquela que me move, mesmo eu sabendo que não posso alcançar;

Corro por encruzilhadas, seguindo minhas próprias pegadas e querendo voar;

Anuncio em cartazes e muros,
Revelando dizeres em maiúsculo
O que eu almejo pulsar;

Para que eu não possa esquecer
Que mais feliz hei de ser
E que mais hei de me amar!

Pelourinho

Possuo desejos racionais e sentimentos que me autoflagelam...
Perdidos em um imenso caos
E que se afogam em um mar deserto...

Parecem ser irracionais somente pra os que lá me observam...
Mas pro Eu que aqui dentro vive
São muito mais mordazes, são muito mais espertos...

Vivo, então, com a angústia
De sentimentos pensantes, desejos felinos...
Que me invadem e são meus capatazes
Me açoitando aqui no peito, este Pelourinho pequenino.

Luar

Esta luz que vem de ti
Ilumina o labirinto que se faz aqui;
Alcança os sonhos e rastreia os versos que se escondem;
Expande os rios de lágrimas que vagueiam dentro de mim...

Oh, Lua, bem amada
Que ali, tão ao longe faz morada
Mas que no meu peito navega,
Adentrando as madrugadas
Escorrendo em lembranças, construindo novas estradas...

Vem, ilumina a imensidão sozinha;
Seca as minhas lágrimas daninhas,
Que só criam raízes e até espinham
nestes olhos tristes e se aninham...
Querendo o teu olhar branco que acarinha...

Cobre estas brasas que eu chamo de saudade...
E que invade o peito...que maldade!
Sem pedir licença e com crueldade,
Diz que vai embora e deixa à vontade
A solidão fazer bagunça, sem piedade...

Fico, então, portanto, com essa companhia
Que me apavora, mas que me lisonjeia
Diz "não vou embora" e se aproveita
Dessa imensidão que Eu sou e se deleita...

Solidão

Somos feitos de abismos
Seguimos longos caminhos...
Corremos tantos riscos
E vivemos tão sozinhos...

Cada passo, uma solidão
Junto à vontade de se achar...
Cada não, um abandono
Junto à vontade de chorar...

Pois a solidão revela
Que estamos sós, querendo estar
Mas o abandono nos nega
Um alguém, um bem pra amar...

Estar só não é estar sem alma
E o solitário sabe disso!
Já o abandonado queria amar
E ter uma outra alma em compromisso...

O solitário se mantém isolado
Mas se conecta muito bem consigo...
Em sua alma se mantém abrigado
E ninguém tem nada a ver com isso!

Sabe-se que vida exige de todos
Suas verdades, pode crer!
Precisamos estar atentos
Pra diminuir o nosso sofrer...

Seja só ou abandonado
O sujeito precisa aprender
Que pra se manter conectado
Há de se autoconhecer!

Clauder Arcanjo: Nasceu em Santana do Acaraú (CE). Editor-executivo da Sarau das Letras, apresenta, na TCM Telecom, o programa Pedagogia da Gestão. Membro da Academia de Letras do Brasil, da Academia Norte-rio-grandense de Letras, da Academia Mossoroense de Letras, bem como de outras entidades. É autor dos livros *Licânia* (contos – 2007); *Lápis nas veias* (contos – 2009); *Novenário de espinhos* (poemas – 2011); *Pílulas para o silêncio / Píldoras para el silencio* (aforismos – 2014); *Uma garça no asfalto* (crônicas – 2014); *Cambono* (romance – 2016); *Separação* (contos – 2017); *O Fantasma de Licânia* (novela – 2018); *Mulheres fantásticas* (contos – 2019); *Sinos / Campanas* (poemas – 2019); *A província em exílio* (discursos – 2019); e *Confidências literárias* (ensaios – 2022).

Vida

A ilusão da esperança
Me faz passageiro do inesperado.
A luz inopinada
Incendeia o mar das ilusões.
Num cambiante halo,
A vida reclama, mas insiste.

Arco-íris da vergonha

No amanhecer dos traidores,
Pintou um estranho arco-íris:
O violeta com jeito de denúncia,
O anil com matiz de acusação,
O azul de paletó de bom-moço,
O verde acobreado de malícia,
O amarelo fingindo altivez,
E o vermelho, sonso e abatido.

Recolhido no canto da cela,
O condenado, observador atento,
Via tão somente o céu esmaecido.

Escravo

Escravo da opinião alheia,
O pintor, receoso, guardou
Os pincéis, as tintas e as telas.
Escravo do julgamento da crítica,
O poeta, apavorado, engoliu
As rimas, as estrofes e a inspiração.
Escravo do amor da mulher, o homem,
Apaixonado, entregou-se plenamente.

À calçada

Sentava à calçada,
E a tarde se engrandecia.
A província ganhava foros
De singular Academia, devido
Aos conselhos que ele exprimia.

Sentava à calçada,
E a noite, límpida, caía.
E a cidade, só então, se
Recolhia, com o bom Zequinha
De braços com sua Maria.

Gustavo Castro Silva: Poeta, jornalista, escritor, doutor em Ciências sociais pela PUC-SP, professor de Estética do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade de Brasília (UnB), bolsista de produtividade de pesquisa (PQ2), do CNPq, coordenador do Biocom (Biografia, poesia e comunicação) e do Siruiz (Comunicação e produção literária).

Nossa Senhora das Angústias

1.

Milhões enterrados
sem o último beijo
indesejada
despedida

Milhões de partidas
perdidas

Gent'ida sem o abraço
ínfimo adeus
indespida

Na contraparte
só fica a ferida

2.

O duro silêncio
messe do nada
compartilhada

Passos calados
de quem se foi

A cantora que perdeu a voz da filha
A muda que perdeu a língua da mãe
A lágrima dos mortais nunca secou.

No fim
o oco

poço
sem
fundo

vida só

fosso

3.

Tentemos imaginar os nomes deles, delas
a Multidão

Seu holocausto apocalipse
a catástrofe
seu pulmão

Multidões chegando no céu
a chorar, cuspir, urinar, pra
gaguejar, cagando ira nossas

cabeças

4.

Como foi que deixamos isso acontecer?

É hora de substituir políticos por poetas
senadores por crianças
deputados por palhaços

É hora de demitir a humanidade atual
substitui-la
por outra
e outra
até axé
alguma
aurora

Nem que seja para trocar
o seis pelo meio búzio

Gustavo Luz: Gustavo Luz, nasceu em Mossoró, no Rio Grande do Norte, no dia 13 de maio de 1960. Filho de gráfico, viveu sempre entre máquinas e papéis. Em dezembro de 1985, criou a editora Queima-Bucha, mantendo-a até os dias de hoje. Escreveu alguns livros de poesia, de contos e uma novela. Mantém o canal no Youtube: <https://www.youtube.com/c/QueimaBucha>

Nesses domingos de janeiro

Nesses domingos de janeiro
onde os trovões estalam nos céus
e a mata já está verde
e o cheirinho das flores sentimos nos ventos,
sinto uma saudade forte
como um relâmpago atravessando meu peito.
Enquanto aguardo mais chuvas
olhando as nuvens carregadas
Ambiciono que venha água
caída das nuvens
para levar as cinzas que ainda pairam
em meu corpo.

(16-01-2022)

Fios de vento

Para Tásia
Não sei de onde ela saiu
Se do mar ou do vento,
Sei que chegou
Como um livro na mão,
Uns olhos brilhantes
E cabelos feitos
De fios de vento.

(29/12/2021)

Como água

O poeta nunca se perde
Ele é como água
Se adapta
a todo compartimento
E escapa na menor
Rachadura.

(04/05/2021)

Escrever poesia é uma coisa medonha

Escrever poesia é uma coisa medonha
ou você gosta ou aguenta pouco.

Ler poesia
é para quem admira os pássaros,
a construção do ninho
o acasalamento
o ovo
o tempo da fêmea
mantendo os ovos aquecidos
Ela sabe que se voar agora
os ovos esfriarão.

A pessoa que lê poesias
ela acompanha essas relações dos pássaros.
A pessoa que não tem admiração por pássaros,
suas espécies,
seus cantos principalmente,
são aquelas pessoas que assistem
aos noticiários policiais.

A poesia é prima do vento,
irmã direta da atitude!

(17-01-2022)

Monique D'Ângelo: Bacharela em Direito, Mestra em Ciências Sociais e Humanas, sanfoneira, cantora, compositora e poeta.

1.

Eu queria adentrar os teus silêncios
Entender cada qual com maestria
Mesmo a boca fechada, desvendar
Tudo quanto, por dentro, a mente cria

Eu seria capaz de até criar
Para essa mudez, uma linguagem
Mas só posso, ante tudo, me calar
E ficar contemplando a tua imagem

Eu que tanto uso a fala como amiga
Percebi, ao te ter, que a voz abriga
Mais beleza e pujança ao não sair

Já nem quero quebrar as tuas pausas
Entender porventura as suas causas
Eu prefiro calar e assim te ouvir.

2.

Eu te amei sem fazer estardalhaço
Nossa história foi sempre às escondidas
E apesar dos lamentos das partidas
Tu seguias comigo a cada passo

Nos poemas seguiste sendo o verso
Nas canções, sentimento mais profundo
Tu vivias bailando no meu mundo
Colorindo de paz meu universo

Mas o tempo passou e só ficaram
As lembranças de almas que sonharam
E a saudade gostosa de sentir

Quando juntas, felizes estivemos
Nas estradas do amor nós nos perdemos
Mas amamos com a força de um partir.

3.

O que eu faço com essa saudade?
Que toma os meus planos, que clama por ti

Que traz aos meus dias tod'essa ansiedade
De ver-te de novo, de novo sorrir...

De ter os teus beijos, ganhar teus carinhos
E nos teus caminhos, soltar minhas mãos
Depois que chegaste, não há mais espinhos
Não há obstáculo, nem talvez, nem nãoos...

Eu quero andar mundos, correr os espaços
Sonhar nossos sonhos, trilhar nossos passos
Me achar nos teus olhos, se a angústia chegar
Eu quero o teu colo sendo a minha casa
Teu riso “entre aspas”, sendo a outra asa
Que me traz pra perto, mas me faz voar.

Pedro Henrique: Pedro Henrique Farias nasceu no Vale do Açu, no ano de 1996. É formado em Direito e se arrisca na pesquisa científica e na poesia. Escreve desde criança, quando recortava gravuras dos livros, colava-as num caderno e criava longas histórias em segredo. Sua poética é ritualística e se aproxima mais do mundo da magia que do humano. É oportuno lê-lo em silêncio: somente com a voz da alma.

Palavras

Eu quero ir andando
com a maciez
das palavras
mas, não só.

Quero que elas
perforem e
sejam boas
nadadoras.

Dos meus buracos.
Dos meus rios.

Beira-(a)mar(te)

Imaginem
uma amante
rolando absorta
à beira-mar.

Ondulações,
castelos d'areia,
conchas,
estrelas [do mar].

Povoam-lhe
as nádegas,
cabelos,
e vendam-lhe o olhar.

Fantasiem
[amantes
à
beira-mar]

Alquimias

Para estar presente
no amor
é preciso
ser um alquimista.

Fazer misturas
acender fogo
apagar fogo
deixar evaporar;

É preciso dissolver sólidos
fundir líquidos.
É preciso uma chama
que possa ser apagada.

Donzílio Luiz: Nasceu em Itapetim-PE em 05/08/1933. Trabalhou na roça até os 18 anos e em 1952 conheceu a viola e a caneta, passando a cantar e escrever. Já escreveu dezenas de livros e cordéis e eventualmente canta versos com a viola. Hoje mora em Brasília-DF e aos 88 anos continua a escrever sem parar.

A odisseia do amor

Aquele amor que há tempos foi embora
Sobre os caprichos que a ilusão apoia
Nas qualidades duplas de Pandora
No afã de Ulisses que o levou à Troia;

Aquele amor com reflexão de joia
Como um presente que até grego adora
Tal qual um Odisseu que volta e boia
Em minha Ítaca ressurgiu agora;

E sem rancor, sem falsidade irônica
Na ilha cardial e não na Jônica
Este abstrato bélico flutua;

Ser famosíssimo não quis nem quero,
Mas quero por um dia ser Homero
Para escrever a Odisseia sua.

Altos e baixos

Nada no mundo guarda só doçura
E se com essa tese te enrascas
Chupa do fruto a polpa bem madura
E depois ousa mastigar as cascas;

Vemos o mar de onda clara e pura
Com praias límpidas e sem nevascas
Mais tarde, enraivecido traz loucura
Entre tufões, tormentas e borrascas;

É assim também a vida das pessoas
Que acostumadas só com fases boas
Seguem tranquilas pelos seus caminhos;

Vivendo de prazeres e amores,
Depois também desaparecem as flores
Que dão lugar à fase dos espinhos.

Do nada ao nada

Quando eu voltar ao nada novamente,
Tudo que fui antes de ser alguém,
Serei um nada muito diferente
Do anterior que nem história tem;

Serei um nada que, evidentemente,
Alguma coisa especial detém
A ser contada para muita gente
Que, de outro pó, posteriormente vem;

Serei depois que terminar o passeio
Um pó que volta ao pó de onde veio
Para fazer por toda a eternidade;

Mas entre um nada e outro, com certeza,
Fica uma parte dessa história presa
Pelos arquivos da humanidade.

Utopia onírica

Sonhei com ela do meu lado rindo
Estonteada me afogando em beijos
Beijos doando, beijos me pedindo
Aproveitando os incomuns ensejos;

E nesses seus instintos benfazejos
Vi a inocência dum flor se abrindo
Mas despertei no sonho e nos desejos
Daquele instante não ser só dormindo;

E apesar de parecer tristonho
Pedi a Deus mais êxito no sonho,
Mais alegria, mais amor, em suma,

Menos quimera e mais realidade
Tendo do sonho a continuidade
Sem no aspecto mudar coisa alguma.

Karlla Souza: Cientista Social, professora do Departamento de Ciências Sociais da UERN, membro do GECOM e pesquisadora da poética da oralidade no Pajeú pernambucano.

Pelo mundo vazio eu vaguei
De casa em casa a busca de um abrigo
De um leito que me confortasse
De um sorriso que me comovesse

Por entre céus abertos e aves sem destino
Embaixo de sombras de árvores ancestrais
A utilizar folhas e galhos para erguer fogueira
Não vi o fogo que me acendesse o espírito

Não vi a lua que banhasse o pranto
Nem pele que cobrisse o frio
Apenas senti a alma encolhendo

Até que a pele nua e branca entrou em mim
E por dentro suas mãos veludas acariciaram-me
E os olhos d'água jorraram

E eu não sei se encontrei ou perdi a paz.

Gabriel Machado: Estudante do ensino médio, comerciante, apaixonado pela poesia.

Amor

O amor é muito belo
Paixão é uma doença, mais que crença?
Que quem sente não acredita e quem sente duvida.

.
O amor é discreto, bonito, silencioso, amoroso.
A paixão é quente e faz barulho e faz calor e até incomoda
E muitos jovens afirmam que a paixão é foda.

.
Quem não sente, não acredita.
Quem sente não duvida e sem perceber já se queima com o fogo da paixão
O fogo que queima por dentro e por fora,
Tu vê a amada, tu sente na hora.

.
Paixão que me acalma,
doença da alma que cura com o tempo
E às vezes nem passa.

.
Quando estou queimado,
O tempo ajuda a curar,
mas para apagar a chama
A água tem que chegar.

.
A água que nasce do fundo do coração
Faz passar, fluir, limpar, lavar e apagar o fogo de uma paixão?

.
E com muitas lágrimas que eram de dor, sofrimento, tensão,
Hoje é um sorriso leve de muito aprendizado e gratidão.

Cicília Maia: Professora e poetisa.

Reconstrução de mim

Nessa quarentena reativei minhas memórias afetivas na busca de pedaços perdidos de mim.

Fiquei muito feliz no que achei e
no que vivi.

Pode até parecer pretensão de minha parte mas, há muito melhor em mim
que acabei de redescobrir.

E o porquê de tanta procura
ainda estar por vir e sentir.

Por isso, o que quero de mim
É muito pouco além de mim.
E quero repetir que ainda sou a dona de mim.

Recomeçar

Vou recomeçar
Seja dia ou noite
Primavera ou verão
Outono ou inverno.

Vou recomeçar
Na alegria e na tristeza
Na saúde e na doença
Na calma e na tempestade.

Vou recomeçar
Com fé e esperança
Com humildade e comunhão
Com amor e compaixão.

Quantas vezes necessitar
Vou recomeçar
Para poder prosperar.